

A arquitetura das guerras no Oriente Médio



Alberto Barlocchi

RELAÇÕES INTERNACIONAIS Para além da questão religiosa, os conflitos no Oriente Médio são produzidos e alimentados por interesses de carácter econômico e geopolítico das grandes potências do Ocidente.

José Antônio Faro

Praticamente, todos nós fomos acostumados a relacionar o Oriente Médio com a ideia de guerra e instabilidade política e social. Uma imagem que vem sendo alimentada há décadas pelos intermináveis conflitos entre palestinos e judeus na Terra Santa e que se consolidou, nos últimos anos, com as incessantes notícias sobre o “terrorismo” de matriz islâmica e árabe, assim como as notícias sobre os protestos por mudanças nos regimes políticos no Egito, na Líbia, na Arábia Saudita e no Marrocos e as duras reações dos governos destes países.

Recentemente, a atenção da comunidade internacional voltou-se, novamente, para o Oriente Médio devido ao sangrento conflito na Síria, que tem produzido um verdadeiro massacre e êxodo da população. Além disso, o surgimento do Estado Islâmico, como novo ator político, tem ocupado grande espaço na mídia de todo o mundo e ajudado a consolidar a ideia de que, por trás de tudo, está a questão religiosa.

Mas será que é assim mesmo: a religião é o fator mais importante para a manutenção do quadro de instabilidade do Oriente Médio? Não seria muito simplista pensar desse modo?

A revista “Pano de Fundo” conversou sobre essas questões com Alberto Barlocchi, jornalista e especialista em globalização e conflitos no Oriente Médio. Entre outras coisas, Barlocchi, que é o atual diretor da revista argentina Ciudad Nueva, dá uma chave de leitura global para entender a complexa situação do Oriente Médio, desfazendo mitos e demonstrando como a instabilidade política na região é fruto de uma orquestração internacional fundamentada em interesses econômicos e geopolíticos.

A seguir, os principais trechos da entrevista!

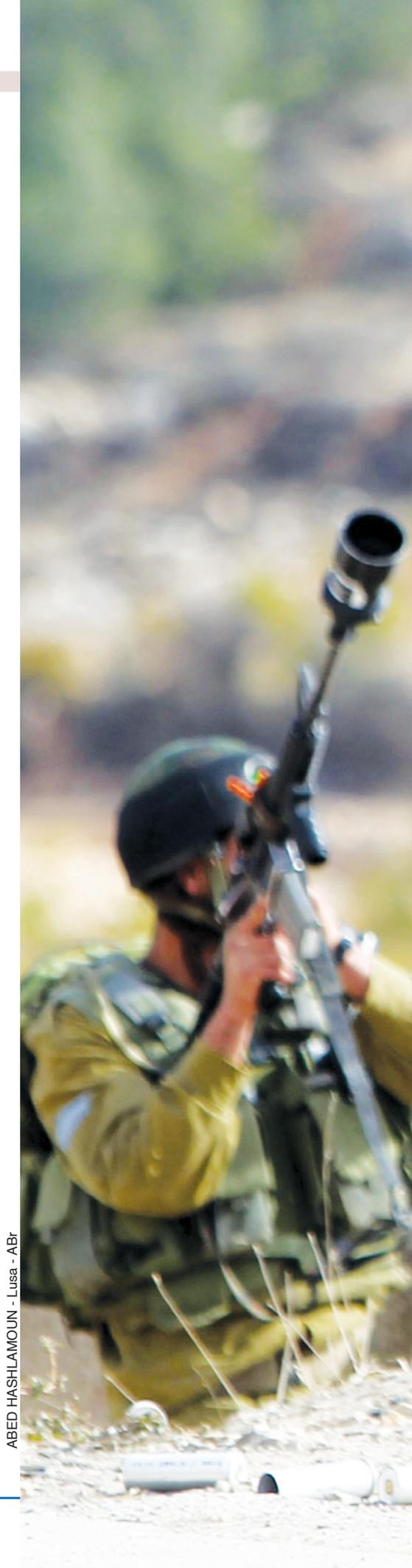
Para começar, gostaria de saber se o Sr. acha que podemos falar de uma chave global para entendermos as novas guerras no Oriente Médio, ou cada um destes conflitos tem as suas próprias causas?

Certamente existem causas internas, mas eu tenho as minhas dúvidas de que certos conflitos no Oriente Médio existiriam sem uma interven-

“(…) Hoje é mais preferível um Oriente Médio com um novo mapa geográfico, composto por países menores, étnico-confessionais e, portanto, mais homogêneos e mais fáceis de controlar”

ção direta do Ocidente. Um livro do sociólogo Pino Arlacchi, que foi secretário geral da ONU, publicado há alguns anos, registrou que, até 2009, cerca de 80% das vítimas do terrorismo eram cidadãos provenientes de países islâmicos. O confronto que serve de fundo para a situação do Oriente Médio é o conflito entre o Islã sunita, ou, pelo menos, certas expressões deste, e o Islã xiita. Trata-se de um conflito entre duas versões radicais do Islã: a versão que países como a Arábia Saudita e Qatar exportam e a que o Irã pretende exportar regionalmente.

Porém, estes países são muito expostos às sanções da comunidade internacional. Por isso, eu tenho as minhas dúvidas de que eles seriam capazes de ir muito além das situações de tensão local, e do conflito com Israel. Se nestes anos explodiram outros conflitos, isso está relacionado com a política de Washington, que, por sinal, mudou no curso da última década. Até a invasão do Iraque, preparada muito tempo antes, com documentos que mencionavam a necessidade de controlar a Ásia central, os Estados Unidos eram importadores de petróleo. Hoje a situação mudou e acredita-se que as descobertas de reservas não-conventionais de recursos energéticos



ABED HASHLAMOUN - Lusa - ABR



ABED HASHLAMOUN - Lusa - ABr

Soldado israelense lança granada contra manifestantes palestinos em Bet Omar (Cisjordânia), durante protesto contra a operação militar na Faixa de Gaza

nos Estados Unidos permitirão que, em torno do ano 2020, eles possam voltar a ser exportadores de gás e petróleo.

Isso mudou muito a estratégia de Washington, ou permitiu a evolução desta, com a ideia de que hoje é mais preferível um Oriente Médio com um novo mapa geográfico, composto por países menores, étnico-confessionais e, portanto, mais homogêneos e mais fáceis de controlar. O Iraque está destinado a fragmentar-se, dividindo-se num Estado sunita (o que é controlado pelo Estado Islâmico), num Estado curdo (que já funciona, de fato, desde 2003) e num xiita, onde a maioria dos iraquianos vive. Essa situação é bem vista por Israel e pela Turquia; este último alimenta a esperança de que nasça um Curdistão independen-

te, mas distante de suas fronteiras. E, de fato, não me parece que os turcos tenham feito muita coisa para impedir a expansão do Estado Islâmico.

Possivelmente, se quer criar também uma situação parecida na Síria, concedendo, talvez, uma parte de seu território ao Estado Islâmico, contando que o poder do presidente Bashar al-Assad seja reduzido.

Como se dá a retroalimentação entre interesses econômicos e o estímulo a grupos religiosos fanáticos de matriz islâmica no Oriente Médio?

Eu tenho a impressão que isso depende de vários fatores. Por um lado, consolidam-se grupos de interesse econômico que tiram vantagem da situação com a venda de armamento,

com a reconstrução ou o desenvolvimento de um determinado setor industrial, como o petrolífero. Por outro lado, existe o fanatismo religioso que, às vezes, coincide politicamente com esses interesses. No caso da Síria, a política de Washington de punir este “Estado canalha”, porque apoiou a resistência palestina e evitou o isolamento do Irã, coincide com a atitude de condenação da Arábia Saudita e do Qatar, que consideram herege o grupo alaudita, a minoria religiosa à qual pertence o presidente sírio Bashar al-Assad.

Juntamente com os Estados Unidos, o Reino Unido e a França apoiaram os milicianos rebeldes da Síria. Mas, como admitiu Hillary Clinton, a situação fugiu do controle. Acreditavam que podiam apoiar grupos moderados, mas, em vez disso, tal

apoio dirigiu-se a grupos radicais. Se milhares de fanáticos vêm de dezenas de países à procura do martírio, o qual lhes daria a garantia do paraíso, é difícil que apareçam grupos moderados.

Como entender o surgimento deste novo personagem nas guerras do Oriente Médio que é o Estado Islâmico?

O líder do Estado Islâmico esteve quatro anos na prisão de Guatánamo. Não é fácil entender como ele fora libertado e como o Estado Islâmico pôde ter vencido, em poucas semanas, o exército iraquiano. É muito provável que, como na invasão dos Estados Unidos ao Iraque em 2003, os altos oficiais do exército do Iraque tenham sido pagos para deserdarem. O apoio direto ou indireto dos Estados Unidos foi essencial para que o Estado Islâmico tivesse aparecido no cenário. Não é preciso ser especialista militar para perguntar-se como, em poucas semanas, foi possível unir 30 mil soldados, armá-los, ensiná-los como se combate para, depois, enfrentar um exército treinado e preparado pelos Estados Unidos durante dez anos. Existem fotos que mostram o senador republicano John McCain reunido, em 2013, na Síria, com AL Bagdadi, o líder do Estado Islâmico. O que um senador dos Estados Unidos estava fazendo com esse tipo de gente?

Na minha opinião, o Estado Islâmico nasceu com o objetivo de fazer o “trabalho sujo” no Oriente Médio, a fim de se poder começar a desenhar o novo mapa da região. Não é a primeira vez que isso acontece. Não esqueçamos que o Al Qaeda nasceu com o apoio da Casa Branca aos guerrilheiros afegãos para combater a União Soviética no final dos anos 1970.

Fala-se do conflito na Síria como um conflito entre Estados Unidos e Rússia. Esta afirmação tem fundamento?

Dentro de suas fronteiras, a Rússia não enfrentou a questão islâmica de modo diferente. Putin fez pesar a sua mão de ferro na Tchetchenia, e os horrores daquela guerra já foram praticamente esquecidos. Os Estados Unidos fizeram o que quiseram no Vietnã e em outros países, e por que Moscou não poderia fazer o mesmo? Este é o raciocínio do governo do Kremlin.

“(…) O Estado Islâmico nasceu com o objetivo de fazer o ‘trabalho sujo’ no Oriente Médio, a fim de se poder começar a desenhar o novo mapa da região”

No caso da Síria, trata-se de um aliado da Rússia e de um país próximo às suas fronteiras. A Rússia entrevistou a fim de evitar que Bashar al-Assad fosse transformado em um novo Saddam Hussein. A questão do uso de armas químicas estava se transformando na ocasião oportuna para a invasão dos Estados Unidos à Síria e a Rússia demonstrou que se tratava de informação falsa. Os russos também têm satélites que vigiam a região e mostraram as fotos feitas por eles ao Conselho de Segurança da ONU. As fotos mostraram que, na realidade, tratou-se de um ataque de rebeldes contra outros rebeldes (coisa que na Síria aconteceu muitas vezes). Desse modo, a Rússia pôs um freio na Casa Branca para evitar

situações piores, seja para os russos como para todos. Também no caso da Líbia, a Rússia apresentou documentação que mostrava que era falsa a acusação contra Muammar al-Gaddafi de que ele havia bombardeado os civis que protestavam. Mas, neste caso, não conseguiu frear uma operação que a França e a Grã-Bretanha preparavam há tempos e que obteve o resultado de eliminar Gaddafi – um ditador, certamente. O problema é que agora a Líbia está enfrentando um caos, muito parecido com o que está ocorrendo no Iraque.

Qual é a relação entre a guerra na Síria e a situação do Irã?

A Síria é o grande aliado do Irã no mundo árabe. Etnicamente, os iranianos são persas, portanto, não são árabes. A Síria teve o importante papel de manter a presença iraniana no mundo árabe. Atingir a Síria significava, portanto, isolar o Irã. Acredito que poucos esperavam o movimento estratégico da Rússia de ajudar a resolver a questão do projeto nuclear da Síria para excluir um motivo permanente de tensão nos últimos anos. Hoje, estamos perto de resolver a questão com um novo tratado com Teerã para o uso pacífico da energia nuclear.

Durante anos, periodicamente os Estados Unidos anunciavam que, em pouco tempo, Teerã teria fabricado a sua bomba atômica... Esses anúncios eram falsos e agora isto é evidente e, no entanto, não se fala sobre isso. De vez em quando, aparece um tema que distrai a opinião pública e isso impede uma análise lógica dos fatos na sua sequência e nas suas consequências. De tanto em tanto, aparece um novo massacre

→

do Estado Islâmico, mas não paramos para analisar como surgiu o problema e o porquê, como se os fatos não tivessem uma sequência.

Podemos incluir a questão dos curdos neste contexto de desestabilização da região ou essa questão tem particularidades próprias?

Os curdos reclamam desde sempre um Estado independente. Colaboraram com os aliados ocidentais na Primeira Guerra Mundial com a promessa de que obter o direito a terem um Estado próprio. Mas, depois, foram esquecidos. A guerra do Estado Islâmico não é uma guerra contra os curdos, mas contra qualquer um que não pense como eles.

O que está acontecendo em Kobane, na fronteira com a Turquia, parece mais um favor aos curdos do que outra coisa. Explico-me: os curdos estão presentes na Turquia, na Síria, no Iraque, no Irã e em parte da Armênia. A luta entre os curdos e o governo turco nos últimos 20 anos provocou mais de 30 mil mortos. O governo de Ankara nunca foi ténue com eles. Existe certa sintonia política entre curdos turcos e os curdos da Síria. De fato, a Turquia teme que eles se unam e que possam se tornar um efeito desestabilizador, por isto não estão consentindo aos cidadãos turcos curdos de atravessarem a fronteira e ajudar os seus irmãos que estão assediados em Kobane.

Ao invés, os curdos do Iraque colaboraram com os Estados Unidos e não são a favor da luta armada contra o governo turco. Por isso, a Turquia autorizou a entrada deles em seu território, a fim de que eles pudessem

passar para a Síria e ajudarem os assediados de Kobane. Como dá para perceber, trata-se de uma complexa rede de situações.

Os curdos sírios são pressionados - também pela Turquia - a entrarem na luta contra o governo de Assad a fim de não serem exterminados. O fato é que Assad protegeu essa minoria na Síria. Tudo isso explica a debilidade de Barak Obama que, no ano passado, estava pronto a bombardear a Síria por causa das supostas armas químicas, mas é paciente, espera, medita, procura colaboração antes de atacar o Estado Islâmico, e, depois, quando atacam erram os alvos. Isso não parece estranho?

“França, Inglaterra e Estados Unidos têm perseguido os próprios interesses nos conflitos que surgiram no Oriente Médio”

Por que a comunidade internacional – nas suas instâncias representativas – não têm a força para frear estes conflitos e, de modo particular, o da Síria?

As instituições da comunidade internacional, em particular a Organização das Nações Unidas (ONU), não são organismos autônomos, não podem decidir o que fazer por conta própria sem um mandato. E este mandato é decidido na sede do Conselho de Segurança, no qual agem os interesses e vontades de cinco países, cada um dos quais com o direito a veto. França, Inglaterra e Estados Unidos têm perseguido os próprios

interesses nos conflitos que surgiram no Oriente Médio, alimentando-os. A China procura não se colocar numa posição de confronto com a Rússia e procura evitar que exploda uma questão islâmica dentro das suas fronteiras. Os chineses também não querem problemas com o Islã nas suas fronteiras, sobretudo, com os ulguri, que poderiam rebelar-se. Estes interesses são impostos também nas regiões. A União Europeia acompanha a política de Washington, e outros países aliados da Casa Branca nem sempre têm autonomia suficiente para terem uma linha própria em relação aos conflitos.

A guerra contra o terror – inicialmente, no Iraque e, depois, no Afeganistão – produziu somente desestabilização política, social e econômica. Podemos esperar o mesmo na Síria?

A Síria é um país completamente devastado. O que está ocorrendo lá é uma guerra selvagem. Atualmente, metade da população síria é formada por refugiados e, destes, 50% estão fora do país.

No norte do país, o exército turco destruiu fábricas inteiras. Bombardeou também refinarias. A situação está provocando o desespero da população. Pelo menos 70 mil milicianos provenientes de mais de 40 países estão na Síria. Esta não é uma guerra interna, mas uma guerra contra a Síria. Uma parte importante da população, não sei se a maioria, desejava uma mudança de governo, mas, certamente, não de modo violento. Nas últimas eleições, Bashar al-Assad foi reeleito com mais de 70% dos votos.

Por que a América Latina está tão ausente no debate sobre os conflitos no Oriente Médio? O nosso continente poderia ter uma presença mais ativa neste debate?

Na minha opinião, trata-se de falta de visão estratégica. Os nossos processos de integração caracterizam-se pela falta de um programa de desenvolvimento a longo prazo que seja, depois, aplicado por instituições com um certo grau de autonomia. Tanto é verdade que, para se debater sobre qualquer tema, temos necessidade das reuniões com os chefes de Estado. Também para resolver questões muito técnicas, para as quais bastariam funcionários de segundo ou terceiro escalões, intervêm os presidentes.

Isso significa também que não conseguimos definir regionalmente, nem mesmo em nível de Mercosul e de Unasul, uma política externa comum a respeito de temas importantes. Estamos muito (ou até demais) empenhados em desenvolver individualmente as nossas políticas externas, mas sem uma coordenação efetiva. E isso nos limita muito no que diz respeito à nossa influência como região. Basta pensar que a Colômbia procurou ajuda na Espanha e na União Europeia a fim de constituir um fundo para enfrentar o pós-conflito, na previsão de chegar a um acordo com a guerrilha. Teria sido natural obter, o apoio, seja político que econômico, da Unasul, sem descartar ajuda da União Europeia.

Neste momento em que é claro que o desenvolvimento comercial acontecerá na Ásia, a região – sobretudo, na Argentina, no Brasil, na Bolívia e na Venezuela – permite-se ao luxo de olhar com desconfiança para a Aliança do Pacífico, quando está claro que este bloco representa o trampolim para a Ásia dos produtos da região. Se o problema é um bloco que se alimenta de uma visão neoliberal, com mais razão é necessário acompanhar este processo para evitar que esta visão possa dominar um projeto de integração.

A União Europeia nasceu com o Tratado de Roma, assinado pela França, Itália e Alemanha, em 1950, ou seja, apenas cinco anos depois da Segunda Guerra Mundial. Parece-me que, se a América Latina – ou, pelo menos, a Unasul – não conseguir desenvolver um projeto de desenvolvimento comum sério, dificilmente poderá influenciar no cenário internacional. ■

